

TCC I – Trabalho de Conclusão de Curso I

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação Superior Norte – RS
Departamento de Ciências da Comunicação
Curso de Comunicação Social – Jornalismo
04 a 08 de Janeiro de 2010

DA LITERATURA PARA O JORNALISMO E DO JORNALISMO PARA A LITERATURA: ENCONTROS (IM)POSSÍVEIS

GUSTAVO MENEGUSSO

Artigo científico apresentado ao Curso de Comunicação Social – Jornalismo como requisito para aprovação na Disciplina de TCC I, sob orientação do Prof. Elias José Mengarda e avaliação dos seguintes docentes:

Prof. Elias José Mengarda
Universidade Federal de Santa Maria
Orientador

Prof. Carlos André Dominguez
Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Luciane Figueiredo Pokulat
Universidade Federal de Santa Maria (CAFW)

Prof. Cássio Tomaim
Universidade Federal de Santa Maria
(Suplente)

Frederico Westphalen, 06 de janeiro de 2010.

TCC I – Trabalho de Conclusão de Curso I

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação Superior Norte – RS
Departamento de Ciências da Comunicação
Curso de Comunicação Social – Jornalismo
04 a 08 de Janeiro de 2010

Da Literatura para o Jornalismo e do Jornalismo para a Literatura: encontros (im)possíveis

Gustavo Menegusso

Elias José Mengarda (orientador)

RESUMO

Este artigo discute a relação da dicotomia jornalismo vs. literatura e apresenta um conjunto de reportagens do jornal Zero Hora analisadas a partir de critérios de literariedade que caracterizam uma obra literária. Esta análise parte, inicialmente, de um referencial teórico abordando as concepções de jornalismo e literatura e também de gêneros do jornalismo característicos nessa área de interface como o *New Journalism* de Tom Wolfe nos Estados Unidos, o Jornalismo Mágico do colombiano Gabriel García Márquez e o Jornalismo Literário no Brasil, refletido à luz teórica de Pena (2008). Assim sendo, as análises revelam que o jornal ZH utiliza os recursos literários em suas reportagens e que estes não apresentam diferenças acentuadas, visto que a editoria reportagem especial apresentou 65% de critérios de literariedade, a editoria mundo 76% e a editoria geral 71%.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; Literatura; Reportagem; Zero Hora.

1 INTRODUÇÃO

Pretende-se neste trabalho investigar a relação entre o que se entende por literatura e em que medida esta é utilizada pela mídia impressa, especialmente os jornais diários, como uma forma de contribuir na estética do texto jornalístico. Considerando como objeto de estudo as reportagens do jornal Zero Hora, a presente pesquisa propõe-se a analisar a possível utilização de uma linguagem literária dentro desse gênero do jornalismo.

A dicotomia jornalismo vs. literatura é um debate que cerca e ultrapassa os limites do âmbito universitário ou da academia. A polêmica gira em torno das possíveis e/ou impossíveis intersecções entre os dois gêneros, tanto na atividade da imprensa quanto na literatura, uma vez que cada um possui determinadas características e finalidades. Enquanto o jornalismo tem o compromisso com a realidade e a informação e procura ser objetivo e imparcial, a literatura tende a ser subjetiva e imagética recriando a realidade ou uma suprarrealidade.

TCC I – Trabalho de Conclusão de Curso I

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação Superior Norte – RS
Departamento de Ciências da Comunicação
Curso de Comunicação Social – Jornalismo
04 a 08 de Janeiro de 2010

Vários estudiosos tanto da literatura quanto do jornalismo, instigados por essa questão, se propuseram a investigá-la a fim de apresentar os prós e contras dessa relação. Em 1904, o jornalista e escritor João do Rio resolveu fazer uma entrevista com os principais intelectuais do período. Das cinco questões elaboradas, uma era considerada primordial para o autor: “o jornalismo, especialmente no Brasil, é um fator bom ou mau para a arte literária”?

Um século depois, Cristiane Costa, volta a escrever com a mesma pena de João do Rio. Com um questionário semelhante traz à tona a discussão acerca do trabalho do escritor na imprensa, dividido entre o fazer jornalístico e o fazer literário. Além dessa preocupação, a autora procura identificar elementos que ao longo da história serviram para aproximar ou afastar um discurso do outro, como a criação do folhetim no século XIX e a implantação do *lead* na metade do século XX.

As preocupações de João do Rio (1904) e Costa (2005) são pertinentes na medida em que contribuem para a reflexão dos objetivos para os quais essas linguagens estão voltadas. Apesar da ficção também poder partilhar das mesmas temáticas do jornalismo, o que diferencia um gênero do outro está na própria linguagem. Enquanto no texto jornalístico a palavra tem a função de informar, na literatura “a palavra não é vista como portadora de informação e sim de significação. Ela muda totalmente de estatuto e a imaginação e a memória pessoal e literária atuam o tempo inteiro” (FERRAZ apud COSTA 2005, p. 202).

Assim como na literatura onde o escritor pode recriar a realidade segundo a sua visão, a reportagem é um dos gêneros do jornalismo que permite que se “reinterprete a realidade percebida, ao captar o real sob múltiplos ângulos e observações” (ABREU, 2006, p. 3). Por ter um estilo menos rígido que a notícia, nesse tipo de texto o repórter pode manifestar mais livremente seu estilo. A liberdade de avançar para além do *lead* possibilita ao jornalista a utilização de diferentes recursos linguísticos, inclusive literários. É aí, como explica Abreu (2006, p. 3) que “foge-se das fórmulas usuais para a criação de formas inovadoras, na qual o jornalista não dispõe de soluções imediatas, mas busca novas soluções, novas linguagens para o enquadramento do fato”.

Diante da possibilidade do texto-reportagem permitir conexões com a literatura e da existência de gêneros do jornalismo característicos nessa área de interface como o *New*

Journalism de Tom Wolfe nos Estados Unidos, o Jornalismo Mágico do colombiano Gabriel García Márquez e o Jornalismo Literário no Brasil, refletido à luz teórica de Pena (2008), o presente trabalho propõe-se a investigar as reportagens do jornal gaúcho Zero Hora a fim de verificar de que forma os recursos da literatura são incorporados ou utilizados na construção dessas narrativas jornalísticas.

2 JORNALISMO E LITERATURA: DEFININDO OS CAMPOS

Delimitar as fronteiras entre jornalismo e literatura não é um trabalho fácil. A suposta linha que os divide é imperceptível (COSTA, 2005). Assim, para ir adiante com esse debate é necessário, primeiramente, definir os campos, ou seja, apresentar concepções e características referentes a cada um desses dois gêneros para depois verificar suas possíveis intersecções.

2.1 Concepção de Literatura

A definição acerca do que é literatura tem sido preocupação de vários estudiosos ao longo da história. Desde a Antiguidade, com Platão, Aristóteles e São Tomás seu conceito já era questionado. Respectivamente, literatura era para esses filósofos: “a imitação (mimese) da realidade”, “a arte que cria, pela palavra, uma imitação da realidade” e “uma forma de conhecimento da realidade”. Na Era Moderna, até o século XVIII, a palavra *literatura* era usada no sentido de gramática. A partir daí começou a ser considerada como arte.

Segundo Sartre (1993), a natureza e a função da literatura encontram-se relacionadas em três perguntas fundamentais: O que é escrever, por que escrever e para que escrever. Deste modo, a literatura constitui-se em uma experiência do homem-escriptor de criar uma realidade que possa ser exposta no mundo real e transformar as estruturas da sociedade humana. Por sua vez, Moisés (2003, p. 38) define que “a literatura é a expressão dos conteúdos da ficção, ou da imaginação, por meio de palavras de sentido múltiplo e pessoal”. Assim, a literatura pode ser definida como uma linguagem subjetiva, de múltiplas significações e que tem um compromisso com a ficção.

TCC I – Trabalho de Conclusão de Curso I

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação Superior Norte – RS
Departamento de Ciências da Comunicação
Curso de Comunicação Social – Jornalismo
04 a 08 de Janeiro de 2010

Os textos literários são textos construídos a partir de um processo de escolha e arranjo das palavras, dispostas de tal forma a provocar emoção e prazer estético (CAMPEDELLI, 1994). Diferentemente dos textos informativos que apresentam uma linguagem objetiva e transparente, os textos literários são dotados de subjetividade e ao mesmo tempo opacidade. De acordo com essas características podem apresentar-se de diferentes formas, entre elas o conto, a novela, o romance, a obra teatral e o poema.

2.2 Concepção de Jornalismo

Kunczik (2002, p. 16) trabalha o conceito de jornalismo como uma profissão de comunicação. Nesse sentido, “o jornalismo é considerado a profissão principal ou suplementar das pessoas que reúnem, detectam, avaliam e difundem as notícias ou que comentam os fatos do momento”. Por sua vez, Gomes (2004) define-o como uma instituição social reconhecida na sociedade:

O jornalismo como campo, por exemplo, poderia ser bem compreendido como um sistema social voltado para a produção de informação sobre a atualidade. Toda a sua distribuição de prestígio e reconhecimento está associada à capacidade, demonstrada por cada um dos seus agentes, de obter informação de qualidade, relevante, com rapidez e exclusiva, de redigi-la da maneira apropriada, de publicá-la e produzir com ela um efeito na realidade. [...] Recompensa-se a capacidade de produzir boa informação –, o controle sobre um sistema de fontes influentes e bem informadas, um texto elegante e eficiente e, sobretudo, a capacidade de gerar repercussão social ou produzir efeitos na realidade a partir do que se escreve (GOMES, 2004, p. 54).

Assim, o jornalismo pode ser definido como uma profissão que trabalha com uma linguagem simples e objetiva e tem o compromisso com a realidade.

Os textos jornalísticos diferenciam-se dos demais gêneros textuais por apresentarem um padrão de escrita dotado de uma linguagem jornalística voltada à informação. De acordo com essa configuração, o texto jornalístico é denominado como gênero informativo, que abrange notícias, reportagens e entrevistas ou opinativo, que engloba charges, crônicas, editoriais, colunas e artigos de opinião. Além desses dois modelos há também o gênero interpretativo destinado, segundo Beltrão (1976), à reportagem em profundidade.

A reportagem é considerada o gênero nobre do jornalismo, uma vez que seu processo de criação está ligado à subjetividade e criatividade. Para Sodré e Ferrari (1986, p. 9) a reportagem é, além de um desdobramento das perguntas do *lead*, “uma narrativa com personagens, ação dramática e descrições de ambiente, separada entretanto da literatura por seu compromisso com a objetividade informativa”.

De acordo com Coimbra (2004) a reportagem pode ser classificada em cinco tipos:

- a) Reportagem dissertativa: texto cujo autor se expõe explicitamente através de afirmações generalizantes, seguidas de justificativas ou fundamentações.
- b) Reportagem narrativa: a característica fundamental desse tipo de reportagem é a de conter os fatos organizados dentro de uma relação de anterioridade ou posterioridade, mostrando as mudanças progressivas de estado nas pessoas e nas coisas.
- c) Reportagem narrativo-dissertativa: apresenta um texto de predominância narrativa, mas que contém trechos dissertativos.
- d) Reportagem dissertativo-narrativa: apresenta um texto de predominância dissertativa, mas que contém trechos narrativos.
- e) Reportagem descritiva: ao contrário da reportagem narrativa, apresenta um texto cujas pessoas e coisas mostram-se fixadas num único momento, sem as mudanças progressivas que lhe traz o tempo. O momento apreendido é sempre detalhado.

2.3 A Presença da Literatura no Jornalismo

A partir da chegada da imprensa ao Brasil com a família real, em 1808, literatura e jornalismo teceram uma relação histórica dividida em cinco momentos: o início da imprensa (1808-1840), a *belle époque* (1840-1910), a era da modernização (1920-1950), o *boom* da ficção brasileira (1960-1980) e a crise da imprensa escrita (1980 em diante).

O primeiro período é caracterizado pela produção artesanal e o jornalismo político e opinativo. Registra a fase inicial da imprensa com a publicação dos primeiros livros e jornais do Brasil; A segunda fase descreve a *belle époque* brasileira, com a participação singular dos grandes escritores da literatura nacional nas atividades da imprensa. É o período das crônicas e

TCC I – Trabalho de Conclusão de Curso I

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação Superior Norte – RS
Departamento de Ciências da Comunicação
Curso de Comunicação Social – Jornalismo
04 a 08 de Janeiro de 2010

folhetins, onde a literatura se populariza a uma camada mais vasta de leitores. Destacam-se os escritores jornalistas José de Alencar, Machado de Assis, Olavo Bilac e João do Rio; A terceira etapa destaca a modernização da imprensa com o início da profissionalização dos jornalistas, a criação de reportagens e manchetes e a inserção de publicidade. Participam desse momento escritores como Graciliano Ramos, Monteiro Lobato, Nelson Rodrigues, Carlos Drummond de Andrade, Jorge Amado e Érico Veríssimo.

O quarto momento registra um aumento estimável da ficção realizada por jornalistas no Brasil. Em plena censura da ditadura militar a literatura passa a desempenhar o papel do jornalismo. Aí se destaca a participação de ficcionistas e poetas como Antonio Callado, Carlos Heitor Cony, Ferreira Gullar e Ivan Ângelo. Por sua vez, o quinto e último período revelam uma crise da imprensa escrita, marcada pelo avanço da tecnologia, velocidade na transmissão de informações e mudanças das funções do jornalista. Há “o descarte da experiência tradicionalmente fornecida pela imprensa”, pois os escritores que trabalham nos jornais concentram-se nas editorias de Cultura “dialogando diretamente com o mundo intelectual e o meio editorial” (COSTA, 2005, p. 12-13).

A partir desta classificação, baseada em Costa (2005), pode-se perceber que nos séculos XIX e XX, mais precisamente entre os anos de 1840 e 1910, o jornal constituiu-se no veículo privilegiado para a literatura chegar ao povo, seja por meio dos folhetins ou através de crônicas.

O folhetim foi uma marca importante na relação entre jornalismo e literatura, pois permitiu uma maior aproximação entre as duas linguagens. Nele, os escritores tinham a oportunidade de divulgar seus romances a uma camada mais vasta da população. Segundo Pena (2008, p. 29) o folhetim era um grande negócio para os donos de jornais, pois “como as histórias eram publicadas em fascículos, no final de cada capítulo existia sempre um acontecimento dramático, que só seria resolvido na edição seguinte do jornal, garantindo assim a próxima compra do leitor”.

As crônicas sempre estiveram presentes nos jornais ao longo da história. São textos caracterizados pelo humor e leveza de estilo que se diferenciam da notícia por se aterem não nos fatos que podem causar impacto, mas nos acontecimentos diários que passam despercebidos. São breves momentos irrisórios ou pitorescos que permitem ao cronista realizar a crítica social

(MACHADO, 1994). Nesse sentido, a crônica é considerada jornalismo quando o seu objetivo estiver relacionado com a informação e a reflexão dos fatos da realidade, e literatura, na medida em que supera seus limites e alcança a ficção, ou seja, quando a linguagem utilizada pelo autor apresenta uma preocupação estética diferente do texto informativo, tornando-a não-perecível.

3 A NARRATIVA LITERÁRIA E A NARRATIVA JORNALÍSTICA

Segundo Machado (1994, p. 13) “a importância da narrativa nas diversas circunstâncias da vida acabou gerando vários modos de se contar uma história, assim como vários tipos de narrativa”. Neste sentido, passamos a sintetizar de forma breve alguns tipos de narrativa que consideramos as mais importantes para este trabalho.

A narrativa de cunho literário se diferencia das demais por apresentar em primeiro lugar uma preocupação estética com as palavras e não com os fatos. Sua essência está na liberdade do escritor em não ter a necessidade de se vincular ao mundo real ou a verdade e sim a ficção. Por essa questão de compromisso à ficcionalidade, a narração literária pode gerar a criação de três tipos de realidade assim definida por Amora (2006): o realismo, o irrealismo e o suprarrealismo.

No realismo, o conteúdo reflete o máximo de fidelidade à realidade natural, física ou psicológica. No irrealismo, ele é produto da imaginação ou do idealismo e resulta infiel ao que consideramos a verdade natural das coisas. Já no suprarrealismo o conteúdo é fruto das transformações da realidade operadas pelo nosso subconsciente, é um “absurdo” em face da noção racional que temos da mesma realidade, compreendendo-a realisticamente ou mesmo irrealisticamente pela imaginação ou pelo idealismo (AMORA, 2006).

Assim, a narrativa literária pode apresentar tanto um conteúdo da realidade do mundo natural, ou seja, o mundo que vemos e sentimos, quanto de um mundo sobrenatural, isto é, aquele que supera as leis da natureza física e psíquica.

Por sua vez, a narrativa jornalística apresenta como característica principal a busca pelo efeito de realidade e atualidade, como afirma Figueiredo Sobrinho (2009, p. 2) “a estratégia textual do narrador jornalístico é provocar o ‘efeito de real’, fazer com que os leitores/ ouvintes interpretem os fatos narrados como verdades, como se os fatos estivessem falando por si

mesmos”. O texto jornalístico tem a função utilitária de informar ao contrário de muitos outros como os publicitários que procuram convencer e os históricos, que procuram documentar. Portanto, o compromisso desse tipo de narração é com a realidade e a verdade.

A linguagem que perpassa essa narrativa é referencial, objetiva e transparente a fim de proporcionar ao leitor à compreensão da mensagem jornalística. De acordo com o manual de redação e estilo do jornal *O Estado de São Paulo* “a simplicidade é condição essencial do texto jornalístico. Lembre-se de que você escreve para todos os tipos de leitor e todos, sem exceção, têm o direito de entender qualquer texto” (MARTINS, 1997, p. 6).

Apesar das diferenças quanto à linguagem, ambas as narrativas podem ser construídas de maneira semelhante. Para Sodré e Ferrari (1986) o conto apresenta cinco características importantes que podem ser igualmente utilizadas nas reportagens: a força, a clareza, a condensação, a tensão e a novidade.

4 O JORNALISMO COMO GÊNERO LITERÁRIO

Durante a segunda metade do século XX surgiram alguns movimentos na América Latina e nos Estados Unidos que caracterizaram o jornalismo como um gênero literário. A seguir apresentamos alguns desses movimentos, bem como os autores que contribuíram para o desenvolvimento desse estilo em vários países.

4.1 O *New Journalism*

O novo jornalismo foi um movimento que surgiu nos Estados Unidos durante a década de 1960, onde escritores e jornalistas como Truman Capote, Tom Wolfe, Norman Mailer e Gay Talese experimentaram uma maneira de atravessar as fronteiras entre jornalismo e literatura. Ao utilizar técnicas literárias às reportagens o objetivo do movimento era “dar um enfoque mais imaginativo e lírico à reportagem, permitindo ao jornalista inserir-se na narrativa sem alterar a realidade da notícia sobre a qual trabalhava” (ABREU, 2009, p. 1). Assim, o jornalista não seria

um simples observador dos acontecimentos ou transmissor de informações, mas um personagem, “um romancista da realidade que conta histórias”, conforme enfatiza Martins (2009).

A valorização do narrador é uma característica acentuada no *new journalism*. Segundo Mailer (apud COSTA, 2005, p. 267) “o personagem do narrador era um dos elementos não apenas da narração, mas também da forma como o leitor teria acesso à experiência”. Além disso, Wolfe (2005) apresenta quatro recursos que os escritores do movimento adotaram do Realismo para as suas obras: a reconstrução da história cena a cena, o registro de diálogos completos, a apresentação das cenas através de pontos de vista de diferentes personagens e o registro de gestos, hábitos e outros detalhes simbólicos do dia-a-dia que possam existir dentro de uma cena.

Nesse sentido destacam-se as obras de Truman Capote, considerado um dos criadores do movimento. A reportagem-perfil sobre Marlon Brando *O duque em seus domínios*, publicada pela revista *New Yorker*, em 1956 e o livro-reportagem *A Sangue Frio*, em 1965 revelam a “essência do *New Journalism*” (ABREU, 2009).

4.2 O Jornalismo Mágico de Gabriel García Márquez

Durante a década de 1960, a América Latina foi marcada pelo surgimento de uma geração de escritores, entre eles Gabriel García Márquez, Vargas Llosa, Carlos Fuentes e Alejo Carpentier, que “transformou” a maneira de se fazer literatura e por consequência jornalismo. Essa geração caracterizou uma escola literária ou movimento conhecido como *realismo mágico* ou *realismo fantástico*.

Segundo Herscovitz (2004, p. 177) “os escritores latino-americanos daquela geração romperam com o realismo tradicional e abraçaram um mundo no qual a fantasia e a realidade fundiram-se para formar uma nova esfera chamada realismo mágico”. De acordo ainda com a autora, o realismo mágico é um estilo derivado do surrealismo que consiste numa narrativa que mistura o fantástico com o real, o mito com a história e a literatura com o jornalismo.

Entre as obras marcantes do movimento estão as crônicas e reportagens de Gabriel García Márquez. Seus textos rompem com qualquer espécie de objetividade e ilustram descrições de uma realidade quase que sobrenatural: “As reportagens investigativas de Márquez na década de

1950 combinam jornalismo e literatura, com um foco no contexto humano. Márquez apresentava uma visão da realidade que simultaneamente refletia os fatos e transcendia” (SIMS, 1992 apud HERSCOVITZ, 2004, p. 181). Por esse estilo singular de escrever, as crônicas de García Márquez foram denominadas como exemplos de um *Jornalismo Mágico*, que mistura jornalismo literário com literatura jornalística. Nessa perspectiva, destacam-se as obras *Cem Anos de Solidão* (1957) e *Crônica de Uma Morte Anunciada* (1981).

4.4 O Jornalismo Literário

O jornalismo literário, também conhecido como jornalismo narrativo ou literatura da realidade é um gênero do jornalismo que busca se apropriar de técnicas literárias para a narração dos fatos (LIMA, 2009). O objetivo é construir uma narrativa que traga uma minuciosa observação da realidade, uma descrição detalhada de ambientes, diálogos e que busque a humanização no relato, isto é, as fontes são reveladas como pessoas/personagens e não como instrumentos de informação. Tudo isso sem que prejudique a fidelidade dos fatos, apenas contribua para que o leitor tenha uma liberdade múltipla de interpretar a realidade e a verdade.

Apesar de sua origem estar relacionada à sequência temporal do *new journalism*, o grande marco desse gênero aconteceu, ainda em 1946, nos Estados Unidos quando a revista *New Yorker* publicou uma reportagem sobre os sobreviventes da bomba atômica *Big Boy* lançada sobre a cidade japonesa de Hiroshima. A narrativa foi escrita detalhadamente e ocupou toda a edição da revista, inclusive a capa. No Brasil, o marco principal é a obra *Os Sertões* de Euclides da Cunha, um livro não-ficcional originário a partir de uma série de reportagens que o jornalista publicou no *Jornal O Estado de S. Paulo* entre os anos de 1897 e 1898. Contudo, foi na década de 1970, com a revista *Realidade*, que o estilo ganhou força e pôde ser fortemente percebido nas grandes reportagens que demoravam até um ano para serem feitas.

O jornalismo literário é visto por alguns autores, entre eles, Silva (1990) como um movimento que procura dar continuidade à apropriação de recursos literários, antes trabalhados pelo novo jornalismo. Entretanto o autor aponta uma diferença entre as duas tendências. Enquanto o novo jornalismo poderia até adentrar no mundo da ficção, o jornalismo literário

TCC I – Trabalho de Conclusão de Curso I

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação Superior Norte – RS
Departamento de Ciências da Comunicação
Curso de Comunicação Social – Jornalismo
04 a 08 de Janeiro de 2010

estaria necessariamente amarrado na realidade. Na perspectiva de Pena (2008) o gênero não estaria dividido entre ficção ou verdade, mas numa verossimilhança possível:

Defino jornalismo literário como uma linguagem musical de transformação expressiva e informacional. Ao juntar os elementos presentes em dois gêneros diferentes, transformo-os permanentemente em seus domínios específicos, além de formar um terceiro gênero, que também segue pelo inevitável caminho da infinita metamorfose. Não se trata da dicotomia ficção ou verdade, mas sim de uma verossimilhança possível. Não se trata de oposição entre informar ou entreter, mas sim de uma atitude narrativa em que ambos são misturados. Não se trata nem de Jornalismo, nem de Literatura, mas sim de melodia (PENA, 2008, p. 21).

A partir dessa ideia entende-se esse gênero como uma alternativa para o repórter “fugir” da hierarquia imposta pela rotina de produção e buscar dar uma nova “cara”, um novo “sabor” para o seu texto. Para isso, o repórter precisa utilizar alguns recursos que caracterizam esse modelo jornalístico. O quadro abaixo apresenta as principais características do jornalismo literário, definidas por Pena (2008, p.13-16) como “a estrela de sete pontas”:

CARACTERÍSTICAS	DEFINIÇÃO
Potencializar os recursos do jornalismo	Potencializar os recursos do jornalismo desenvolvendo as suas técnicas atuais, entre elas a de apuração rigorosa, observação atenta e capacidade de se expressar claramente, a ponto de criar novas estratégias profissionais.
Romper com a periodicidade e a atualidade	Ultrapassar os limites do acontecimento cotidiano (novidade e imediatismo) para romper com duas características básicas do jornalismo – a periodicidade e a atualidade.
Contextualização ampla	Proporcionar visões amplas da realidade buscando contextualizar a informação da forma mais abrangente possível e compará-las com diferentes abordagens.
Exercitar a cidadania	Como a abordagem do tema escolhido pode contribuir para a formação do cidadão e o bem comum.
Busca da subjetividade	Romper com as correntes do lead, aplicando técnicas literárias na construção das narrativas, buscar uma subjetividade.
Busca de personagens alternativos	Evitar os definidores primários, ou seja, as fontes oficiais e não ir sempre atrás dos mesmos entrevistados, buscar personagens alternativos (o cidadão comum, a fonte anônima, entre outros).
Perenidade	Não escrever só para amanhã, mas que o texto busque a permanência no imaginário do leitor.

Quadro 1 - Características do Jornalismo Literário.

TCC I – Trabalho de Conclusão de Curso I

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação Superior Norte – RS
Departamento de Ciências da Comunicação
Curso de Comunicação Social – Jornalismo
04 a 08 de Janeiro de 2010

Pena (2008, p. 21) destaca alguns subgêneros em que se pode exercer o jornalismo literário com mais liberdade como a crítica literária, os cadernos literários, a biografia, o romance-reportagem e a ficção jornalística. Por sua vez, Freitas (2002, p.3) acrescenta que “atualmente jornalistas, escritores e estudiosos dos Media vêm na crônica e na reportagem gêneros híbridos, presos ao factual e à atualidade, mas igualmente à visão subjetiva do autor e à sua qualidade narrativa”. Assim, de acordo com a autora, a reportagem e a crônica são textos subjetivos e por isso cabe a cada escritor adotar um estilo próprio que ofereça qualidade à sua narrativa.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para investigar a existência de recursos literários nas narrativas do jornal ZH constituiu-se um *corpus* de reportagens selecionadas a partir de uma amostragem não probabilística de semanas compostas. Escolheu-se a primeira semana completa do mês de junho de 2009 como referência inicial e o domingo (dia 07) o dia escolhido para o começo da análise. Na semana seguinte foi a segunda-feira (dia 15) e assim sucessivamente até formar um *corpus* de 15 reportagens, sendo, 5 da editoria reportagem especial; 5 da editoria mundo e 5 da editoria geral. Foram escolhidas duas reportagens por semana, a exceção do domingo que foram selecionadas uma reportagem de cada editoria, como apresenta o quadro abaixo:

DATAS	EDITORIAS
Domingo – 07 de junho de 2009	Reportagem especial, mundo e geral
Segunda-feira – 15 de junho de 2009	Reportagem especial e mundo
Terça-feira – 23 de junho de 2009	Reportagem especial e geral
Quarta-feira – 01 de julho de 2009	Mundo e reportagem especial
Quinta-feira – 09 de julho de 2009	Mundo e geral
Sexta-feira – 17 de julho de 2009	Geral e reportagem especial
Sábado – 25 de julho de 2009	Geral e mundo

Quadro 2 – Seleção das reportagens.

O Jornal ZH é um veículo de comunicação do Grupo RBS, que foi criado no dia 4 de maio de 1964. Circula diariamente em todo o RS tendo em média 56 páginas por edição, divididas em 8 editorias: Reportagem especial, Política, Editoriais, Economia, Mundo, Geral, Polícia e Esportes. Na categoria “Reportagem especial” aborda temas factuais que são notícias da atualidade e ganham um espaço para uma maior profundidade e outros que não apresentam tanto esse caráter de imediatismo, ou seja, temas que ultrapassam a periodicidade e os acontecimentos cotidianos. A editoria “Mundo” é reservada para assuntos internacionais, enquanto a “Geral” abrange temas diversos como trânsito, drogas, educação e cidades.

As reportagens analisadas foram nomeadas, no intuito de facilitar a descrição, com a letra correspondente a cada editoria. Por exemplo: a nomeação E1 refere-se à reportagem 1 da editoria especial, a M1 à reportagem 1 da editoria mundo, a G1 à reportagem 1 da editoria geral e assim por diante como mostra o quadro Nº 3 (vide apêndice A). A análise das reportagens de ZH foi realizada a partir de um quadro de critérios de literariedade (quadro Nº 4 - vide apêndice B) baseado em autores como Campedelli (1994), Coelho (2003) e Coimbra (2004).

A análise preocupou-se, primeiramente, em identificar os critérios de literariedade presentes nas reportagens do jornal ZH e classificá-las de acordo com a tipologia proposta por Coimbra (2004), já descrita no referencial teórico deste artigo. Num segundo momento, foi realizada uma comparação desses critérios identificados com as características do jornalismo literário que se encontram detalhadas no quadro Nº 1, a fim de qualificar ou não as narrativas como pertencentes a esse gênero do jornalismo. As reportagens também foram avaliadas por editorias (reportagem especial, mundo e geral) e edições (dias de semana e domingo) no intuito de verificar se os recursos literários presentes nas narrativas foram mais utilizados em alguma editoria específica ou nas três estudadas de forma proporcional e se houve alguma mudança entre as edições de dias de semana e de domingo.

6 ANÁLISE DOS RESULTADOS

A seguir apresentamos o quadro Nº 5 que traduz os resultados das análises dos critérios de literariedade.

TCC I – Trabalho de Conclusão de Curso I

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação Superior Norte – RS
Departamento de Ciências da Comunicação
Curso de Comunicação Social – Jornalismo
04 a 08 de Janeiro de 2010

REPORTAGENS ¹ →	E1	E2	E3	E4	E5	M1	M2	M3	M4	M5	G1	G2	G3	G4	G5	% ²
CRITÉRIOS ↻																
Plurissignificação	ü				ü	ü	ü							ü	ü	40%
Foco narrativo	ü	ü	ü	ü	ü	ü	ü	ü	ü	ü	ü	ü	ü	ü	ü	100%
Contextualização	ü	ü	ü	ü	ü	ü	ü	ü	ü	ü	ü	ü	ü	ü	ü	100%
Tempo e Espaço	ü	ü	ü	ü	ü	ü	ü	ü	ü	ü	ü	ü	ü	ü	ü	100%
Criação e recriação da realidade						ü	ü			ü	ü					27%
Complexidade dos personagens						ü	ü			ü					ü	27%
Efabulação	ü	ü	ü	ü	ü	ü	ü	ü	ü	ü	ü	ü	ü	ü	ü	100%
Retardação	ü	ü	ü	ü	ü	ü	ü	ü	ü	ü	ü	ü	ü	ü	ü	100%
Aceleração	ü	ü	ü	ü	ü	ü		ü	ü	ü	ü	ü	ü	ü	ü	93%
Busca da Subjetividade	ü	ü			ü	ü	ü		ü					ü	ü	53%
Linguagem narrativa	ü	ü	ü	ü	ü	ü	ü	ü	ü	ü	ü	ü	ü	ü	ü	100%
Função poética e/ou expressiva da linguagem	ü				ü	ü	ü		ü	ü	ü	ü	ü	ü	ü	73%
Opacidade	ü				ü	ü	ü		ü					ü	ü	47%
Perenidade																
Porcentagem de critérios em cada reportagem	80%	60%	53%	53%	80%	93%	87%	53%	73%	73%	67%	60%	60%	80%	87%	

Quadro 5 – Critérios de literariedade identificados nas reportagens de ZH.

A primeira e talvez a mais importante consideração a ser feita após visualizarmos o quadro dos resultados, refere-se à presença significativa de critérios de literariedade em todas as reportagens analisadas. O número encontrado variou entre 8 e 14 critérios, numa média de 10,6 em cada reportagem, ou seja, uma marca superior a 50%. Com este primeiro resultado, de certa

¹ As reportagens analisadas foram codificadas com a letra correspondente a cada editoria. Assim, as reportagens que apresentam a letra E correspondem à editoria Reportagem Especial, a letra M à editoria Mundo e a letra G à editoria Geral.

² Porcentagem da presença de cada critério de literariedade nas reportagens.

forma, já se confirma a hipótese desta pesquisa que investigava se o gênero reportagem, diante de uma linguagem menos rígida que a notícia e com maior liberdade para o autor, apresentaria recursos literários.

Pelo quadro de critérios que caracterizam uma obra literária percebemos que suas características não estão restritas à linguagem figurada ou conotativa. Além da plurissignificação, da opacidade e da busca pela subjetividade estes critérios também envolvem técnicas de narração e sequência dos fatos, como o foco narrativo, o tempo e espaço, a efabulação, a contextualização e a retardação. Aliás, estes recursos narrativos apareceram em 100% das reportagens, sendo assim, entendemos que apesar de serem características de textos literários, podem ser também considerados critérios característicos de textos jornalísticos, ou seja, são comuns aos dois gêneros. Em ambos os textos há a presença de um narrador em 1ª ou 3ª pessoa que faz a narração dos fatos, um contexto onde a história está inserida, um tempo e espaço em que os personagens estão distribuídos, uma sequência narrativa linear ou fragmentada e técnicas que adiam ou aceleram a continuidade da ação que está sendo narrada.

Entre as reportagens que mais se sobressaíram estão a M1, M2 e G5. Nas duas primeiras que são da editoria Mundo, foram identificados, respectivamente, 14 e 13 critérios, enquanto na terceira, da editoria Geral, também foram identificados 13 critérios. O diferencial destas reportagens em relação às demais foi a presença de características peculiares da literatura como a criação e recriação da realidade e a complexidade dos personagens, além, é claro, de marcas da linguagem figurada e subjetiva. Nestes textos, com exceção da G5, que fala sobre a morte do jornalista Lauro Schirmer e não apresentou criação e recriação da realidade, mas preencheu todos os outros quesitos, foi perceptível a maneira subjetiva de o repórter captar o real e de reproduzi-lo a partir do seu ponto de vista. Além disso, o papel dos personagens da narrativa foi de destaque, ou seja, não foram apenas fontes informativas, mas personagens redondos como classifica Coimbra (2004), revestidos de complexidade e bem marcados.

A reportagem “Uma viagem ao reino de Chávez” (M1) foi a que cumpriu todos os quesitos da análise, com exceção apenas da perenidade, critério não julgado por ser uma característica dependente do fator tempo, isto é, a grande diferença entre as obras de literatura e os textos jornalísticos é que as primeiras são perenes e resistem no imaginário do leitor durante

TCC I – Trabalho de Conclusão de Curso I

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação Superior Norte – RS
Departamento de Ciências da Comunicação
Curso de Comunicação Social – Jornalismo
04 a 08 de Janeiro de 2010

muitos anos, enquanto os jornalísticos são efêmeros e acabam no esquecimento, muitas vezes, no dia seguinte. Todavia, vem sendo também uma preocupação dos jornalistas e meios de comunicação perenizar suas grandes obras. Um exemplo é o livro publicado por ZH, em maio de 2009, *45 Reportagens que fizeram história* que ilustra uma seleção das melhores reportagens publicadas pelo veículo. Com certeza, esta tarefa de seleção não foi fácil, muitos critérios, talvez até alguns destes, foram relevantes para esta escolha.

Em relação à porcentagem de critérios de literariedade encontrados nas reportagens de cada editoria verifiquemos que a editoria Reportagem Especial apresentou uma média de 65% de critérios de literariedade, enquanto a editoria Mundo 76% e a Geral 71%. Com esses números verifiquemos certo equilíbrio entre ambas as editorias. Apesar de a editoria Mundo ter se sobressaído em relação às outras, há uma analogia, que nos leva a entender que as reportagens do jornal ZH seguem um padrão semelhante de formato e linguagem e que estas variam de repórter para repórter, pois cada um tem um estilo próprio de escrever e de interpretar a realidade a partir do seu conhecimento de mundo.

Esta característica pode ter sido o fator determinante para que a reportagem M1 preenchesse e de sobra todos os itens de análise. Observando o autor do texto, vimos que se trata de David Coimbra, um dos cronistas do ZH. Por escrever crônicas, que é um gênero híbrido e que permite a maior utilização da linguagem literária, Coimbra pode ter conseguido trazer todo o seu estilo de escrever para dentro da reportagem, o que não a condenou em nenhum aspecto, muito pelo contrário, fez dessa, uma reportagem com grandes chances de perenizar-se na imaginação dos leitores.

Outro objetivo desta análise era comparar os dados obtidos nas reportagens publicadas durante a semana e as circuladas no domingo, visto que o fator tempo poderia interferir na produção dos textos. Enquanto as edições diárias abordam os fatos do dia ou em andamento naquela semana, as edições dominicais são diferenciadas e podem quebrar esta rotina apresentando algumas pautas não tanto com este caráter de imediatismo, ou seja, temas não totalmente novos ou urgentes. Exemplos que comprovam essa situação são as reportagens selecionadas “Depois do ciclone - Previsão de 0°C”, da quarta-feira 01 de julho e “Uma viagem ao reino de Chávez”, de domingo 07 de junho.

TCC I – Trabalho de Conclusão de Curso I

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação Superior Norte – RS
Departamento de Ciências da Comunicação
Curso de Comunicação Social – Jornalismo
04 a 08 de Janeiro de 2010

Nesse sentido, os resultados confirmam a hipótese levantada e revelam que no domingo as reportagens apresentam mais recursos literários que nas edições de dias semana. A média da edição dominical foi de 80% enquanto nas edições de segunda a sábado 68%. Contudo uma observação se faz necessária quanto a este item: no *corpus* foram selecionadas 12 reportagens de dias de semana, divididas entre os meses de junho e julho e apenas 3 reportagens de domingo, escolhidas no dia 07 de junho. Uma amostra maior de textos do domingo poderia alterar ou não os resultados registrados.

Outro aspecto ponderado na análise foi a classificação das 15 reportagens. Nesta pesquisa optamos por usar a classificação proposta por Coimbra (2004) que divide este gênero textual em cinco categorias: reportagem dissertativa, narrativa, descritiva, narrativo-dissertativa e dissertativo-narrativa. Todas as reportagens analisadas preencheram as características predominantes de um texto narrativo, ou seja, apresentaram os fatos organizados dentro de uma relação de anterioridade e posterioridade, além de foco narrativo, tempo e espaço, efabulação, linguagem narrativa, entre outras. Dessa forma, as 15 reportagens são classificadas em reportagens narrativas.

Quanto à comparação destas reportagens com as narrativas do jornalismo literário podemos apenas fazer algumas considerações, visto que não analisamos reportagens exclusivas deste gênero a fim de fazer uma comparação mais precisa, mas apresentamos no referencial teórico desta pesquisa suas principais características (vide quadro Nº 1). Dessa forma, confrontando os critérios de literariedade encontrados nas reportagens de ZH com as características deste jornalismo podemos enquadrar a reportagem de David Coimbra (M1) como um exemplo de narrativa do jornalismo literário. A reportagem preenche também todos os quesitos da modalidade como o rompimento com a periodicidade e a atualidade, a contextualização ampla, a busca pela subjetividade, a potencialização dos recursos do jornalismo por meio de uma apuração rigorosa e observação atenta, a busca de personagens alternativos, além do exercício da cidadania. As demais reportagens analisadas apresentam marcas do jornalismo literário, mas não chegam a ter características suficientes e em grande quantidade como a reportagem de Coimbra, para serem classificadas como pertencentes a este gênero.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciarmos nossa pesquisa partíamos do pressuposto que o gênero reportagem, por apresentar um formato menos rígido que a notícia, poderia ser um espaço de maior liberdade para o autor expressar o seu estilo e consequentemente a sua veia literária. Na pesquisa bibliográfica encontramos subsídios e autores que fortaleceram nossa hipótese, agora confirmada após as análises do *corpus*.

A partir dos textos analisados percebemos que as reportagens permitem a utilização dos recursos literários, entretanto estes são variáveis de um texto para o outro, comprovando assim que o redator ao produzir o seu texto-reportagem apresenta percepções e peculiaridades inerentes a uma visão e percepção de mundo bastante particular.

Dessa forma, revela-se a verossimilhança implícita nas entrelinhas do jornalismo. Enquanto a literatura procura trazer para seus textos uma recriação da realidade a partir do “real possível”, o jornalismo busca compor em suas narrativas o efeito de “real verdade”, da verdade absoluta dos fatos. Por isso a maioria dos textos jornalísticos encontra-se amarrada a um padrão de linguagem objetiva, simples e direta, no intuito de manter a isenção do repórter e do veículo de comunicação frente aos acontecimentos narrados.

A política editorial é também um fator determinante em relação à linguagem adotada pelo veículo de comunicação. Assim, por mais que cada jornalista possa ter um estilo próprio e até mesmo literário de escrever, ele precisa restringir-se aos padrões jornalísticos. No jornal ZH não podemos confirmar qual é a linha editorial da empresa, contudo, pelos resultados obtidos transparece uma certa preocupação dos editores para com o estilo de suas reportagens. Prova disso é a paridade dos percentuais dos critérios de literariedade encontrados nas editorias analisadas, que não apresentam diferenças acentuadas: editoria reportagem especial 65%, editoria mundo 76% e editoria geral 71% de critérios de literariedade. Nessa perspectiva, podemos inferir que o jornal permite a utilização da linguagem literária, mas como mostrou a análise de cada reportagem, o seu uso vai depender da habilidade e o estilo de cada escritor.

Ao observarmos os critérios de literariedade identificados nas reportagens percebemos que os recursos literários que mais se sobressaíram foram as técnicas de narração e sequência dos

fatos, como a retardação, o tempo e espaço, a efabulação e o foco narrativo. Por estarem presentes em sua totalidade nos textos analisados, esses recursos podem ser considerados comuns aos dois gêneros. Sendo assim, revelam também a semelhança da estrutura narrativa de alguns textos literários como os contos, por exemplo, e os jornalísticos, no caso, as reportagens. Os critérios mais peculiares aos textos literários, como a recriação da realidade, a plurissignificação e a complexidade dos personagens ficaram restritos a algumas narrativas, revelando que a preocupação com a linguagem jornalística padrão continua preponderando.

Ao término desta análise, podemos concluir que as dicotomias que envolvem os dois gêneros, realidade vs. ficção, efemeridade vs. perenidade, objetividade vs. subjetividade não são sinônimos de encontros impossíveis, pois ambas as linguagens, como na reportagem de David Coimbra sobre o presidente Hugo Chávez, também podem ser complementares e contribuir para a qualidade da narrativa que pretende ser construída.

Nesse sentido a literatura pode ser considerada um modelo estético para a narrativa jornalística e mais do que isso, uma fonte de conhecimento para o repórter aliar a técnica de como escrever notícias ou reportagens ao melhor estilo de apresentar o conteúdo. Por sua vez, a literatura pode utilizar-se das técnicas do jornalismo, entre elas a apuração rigorosa e objetiva dos fatos quando, por exemplo, se tratar da criação de uma narrativa como o romance histórico, um conto ou uma autobiografia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, A. **New Journalism**: A experiência literária no jornalismo. Revista Etcetera, número 19, 2006. Disponível em: http://www.revistaetcetera.com.br/19/new_journalism/2.htm. Acesso em 10 jun. 2009.

ABREU, A. **Da Literatura para o Jornalismo**. Disponível em: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=391DAC001>. Acesso em: 10 jun. 2009.

AMORA, A. S. **Introdução à teoria da literatura**. 13. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CAMPEDELLI, S. Y. **Literatura**: história e texto 1. São Paulo: Saraiva, 1994.

COELHO, N. N. **Literatura infantil**: teoria, análise, didática. 7. ed. São Paulo: Moderna, 2003.

COIMBRA, O. **O texto da reportagem impressa**. São Paulo: Ática, 2004.

TCC I – Trabalho de Conclusão de Curso I

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação Superior Norte – RS
Departamento de Ciências da Comunicação
Curso de Comunicação Social – Jornalismo
04 a 08 de Janeiro de 2010

COSTA, C. **Pena de aluguel**: Escritores jornalistas no Brasil 1904-2004. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

FIGUEIREDO SOBRINHO, C. P. de. **A narrativa jornalística e a política**: a “estória” real de um escândalo político. Disponível em: http://www.fafich.ufmg.br/compolitica/anais2007/sc_ipp-cfigueiredo.pdf. Acesso em: 25 set. 2009.

FREITAS, H. de. S. **Jornalismo e literatura**: inimigos ou amantes? Disponível em: <http://www.jornalismo-literatura.com/livro/default.html>. Acesso em: 15 jul. 2009.

GOMES, W. **Transformações da política na era da comunicação de massa**. São Paulo: Paulus, 2004.

HERSCOVITZ, H. G. O Jornalismo Mágico de Gabriel Garcia Márquez. **Estudos em Jornalismo e Mídia**. Insular, vol. 1, n. 2, p. 175-195, 2004.

KUNCZIK, M. **Conceitos de jornalismo**: Norte e Sul. Tradução Rafael Varela Jr. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2002.

LIMA, E. P. **Conceitos de jornalismo literário**. ABJL. Disponível em: <http://www.abjl.org.br/index.php?conteudo=Conceitos&lang>. Acesso em: 25 set. 2009.

MACHADO, I. A. **Literatura e redação**. São Paulo: Scipione, 1994.

MARTINS, E. **Manual de redação e estilo de O Estado de São Paulo**. 3. ed. São Paulo: Moderna, 1997.

MARTINS, L. **A informação serve-se fria?** Disponível em: <http://www.freipedro.pt/tb/290597/cult2.htm>. Acesso em: 10 jun. 2009.

MOISÉS, M. **A criação literária**: Poesia. 18. ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

PENA, F. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2008.

SARTRE, J. P. **Que é a Literatura?** Tradução Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ática, 1993.

SILVA, C. E. da. **O adiantado da hora**: a influência americana sobre o jornalismo brasileiro. São Paulo: Summus, 1990.

SODRÉ, M; FERRARI, M. H. **Técnica de reportagem**: notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986.

WOLFE, T. **Radical chique e o novo jornalismo**. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

TCC I – Trabalho de Conclusão de Curso I

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação Superior Norte – RS
Departamento de Ciências da Comunicação
Curso de Comunicação Social – Jornalismo
04 a 08 de Janeiro de 2010

APÊNDICES

TCC I – Trabalho de Conclusão de Curso I

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação Superior Norte – RS
Departamento de Ciências da Comunicação
Curso de Comunicação Social – Jornalismo
04 a 08 de Janeiro de 2010

APÊNDICE A – Quadro 3: Identificação das reportagens.

EDITORIA	TÍTULO DA REPORTAGEM	NOME PARA ANÁLISE
Reportagem especial	Bombachagate - Mania de espionar abala hábitos do poder no Estado	Reportagem E1
	O novo vestibular - SuperEnem abre inscrições hoje sob superpolêmica	Reportagem E2
	RS reforça prevenção à gripe A	Reportagem E3
	Depois do ciclone - Previsão de 0°C	Reportagem E4
	Casa Sitiada - Um protesto para testar limites	Reportagem E5
Mundo	Uma viagem ao reino de Chávez	Reportagem M1
	Por que o Irã tira o sono do Mundo	Reportagem M2
	Milagre no mar - Menina sobrevive a queda	Reportagem M3
	Guerra virtual - Ataques cibernéticos atingem EUA	Reportagem M4
	Desafio em Honduras - Zelaya cruza a fronteira	Reportagem M5
Geral	Acorrentados pelo vício	Reportagem G1
	Prédio não tinha estrutura para festa, diz Crea	Reportagem G2
	Resgate lento - Burocracia dificulta liberação de veículos em depósitos do Detran	Reportagem G3
	Escalada da gripe A - Mortes colocam serenidade à prova	Reportagem G4
	A morte de Lauro Schirmer - Jornalismo como missão de vida	Reportagem G5

TCC I – Trabalho de Conclusão de Curso I

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação Superior Norte – RS
Departamento de Ciências da Comunicação
Curso de Comunicação Social – Jornalismo
04 a 08 de Janeiro de 2010

APÊNDICE B – Quadro 4: Critérios de literariedade de uma obra literária.

CRITÉRIOS	DEFINIÇÃO
Plurissignificação	O texto literário proporciona diferentes leituras e interpretações, criando novos significados.
Foco narrativo	Modos de visão ou pontos de vista através dos quais se podem narrar os fatos. Pode apresentar: narrador testemunha em 1ª pessoa, narrador protagonista em 1ª pessoa, narrador onisciente em 3ª pessoa e narrador modo dramático em 3ª pessoa.
Contextualização	É o contexto em que está inserida a trama, o tempo e o espaço onde se sucedem as cenas, os fatos que estão interligados ou acontecem de forma paralela.
Tempo e Espaço	Os fatos narrados ou as personagens podem ser distribuídos pelo narrador num período de duração da situação narrada (tempo físico, psicológico, cronológico e linguístico) e por lugares distintos do texto (espaço físico, social e psicológico).
Criação e recriação da realidade	O autor, a partir de um fato real ou não, recria a realidade, produzindo dessa forma uma suprarrealidade.
Complexidade dos personagens	Nos textos literários, os personagens podem ser classificados de acordo com suas características dentro do texto (plano, redondo, anafórico, referencial ou figurante).
Efabulação	É a sequência dos fatos dentro da narrativa. Pode apresentar uma estrutura linear ou que utiliza o retrospecto.
Retardação	É a quebra da linearidade de tempo, através de vários recursos, para adiar a sequência da ação que está sendo narrada. A retardação pode ocorrer através de evocações de momentos anteriores, antecipações de momentos posteriores, projeções do mundo interior das personagens, digressões e micronarrativas.
Aceleração	Alteração do ritmo da narrativa, por meios de vários recursos, tornando-a mais veloz. A aceleração pode ocorrer através de diálogos, do uso de discurso direto e quando o antes é seguido do depois, sem nenhuma interrupção.
Busca da Subjetividade	Toda obra literária procura contar uma história ou passar uma mensagem segundo um ponto de vista subjetivo, próprio do escritor e/ou através de opiniões.
Linguagem narrativa	É a linguagem que caracteriza a narração. Conforme a intencionalidade da obra literária pode apresentar-se através de uma linguagem realista mimética ou uma linguagem simbólica metafórica.
Função poética e expressiva da linguagem	Na literatura a linguagem tem uma função poética e expressiva, a fim de provocar emoção e o prazer estético no leitor.
Opacidade	Nos textos literários, a mensagem transmitida pelo autor não é explícita, cabendo aos leitores fazer as interpretações necessárias e junto com o seu conhecimento de mundo preencher a informação que falta para construir o sentido.
Perenidade	Muitas obras literárias permanecem vivas no imaginário do leitor. São perenes e não efêmeras como outros textos.